



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

Entretempos e entremeios dos encontros sensíveis dos bebês com a arte e cultura

The in-between times of babies' sensitive encounters with art and culture

Entretiempos y entremedios de los encuentros sensibles de los bebés con el arte y la cultura

Lilian Cristina de Souza
Natália Fernandes

RESUMO

O texto discute oportunidades singulares nos encontros dos bebês com a arte e a cultura. Utilizando o método etnográfico, o objetivo é mostrar o que as formas de sensibilidades infantis nos mostram durante as vivências, e como os bebês se revelam agentes de cultura. Baseando-se num corpus de dados originados com bebês até três anos de idade, ocorridos num percurso de oito meses numa creche municipal, no sul do país. Procuramos descrever as suas experiências sensíveis durante os movimentos e as reações dos adultos, a busca de conforto, a adaptação e socialização na experiência autônoma de fruição e o papel dessas experiências. As conclusões regressam ao lugar das emoções e às formas constitutivas dessas experiências.

Palavras-chave: bebê; creche; experiência; cultura.

ABSTRACT

The text discusses singular opportunities in the encounters of babies with art and culture. Using the ethnographic method, the aim is to show what the forms of children's sensibilities show us during the experiences, and how babies reveal themselves as agents of culture. Based on a corpus of data originated with babies up to three years old, in an eight-month journey in a municipal daycare center in the south of the country. We seek to describe their sensitive experiences during the movements and reactions of adults, the search for comfort, adaptation, and socialization in the autonomous experience of enjoyment and the role of these experiences. The conclusions return to the place of emotions and the constitutive forms of these experiences.

Keywords: baby; daycare; experience; culture.

RESUMEN

El texto analiza las oportunidades singulares que se presentan en los encuentros de los bebés con el arte y la cultura. Utilizando el método etnográfico, el objetivo es mostrar lo que las formas de sensibilidad infantil nos enseñan durante las vivencias, y cómo los bebés se revelan como agentes culturales. A partir de un corpus de datos obtenidos con bebés de hasta tres años, en un recorrido de ocho meses en una guardería municipal del sur del país. Buscamos describir sus experiencias sensibles durante los movimientos y reacciones de los adultos, la búsqueda de consuelo, adaptación y socialización en la experiencia autónoma de disfrute y el papel de estas experiencias. Las conclusiones vuelven al lugar de las emociones y las formas constitutivas de estas experiencias.

Palabras-clave: bebé; guardería; experiencia; cultura.

Entremeios...

Nos entremeios das experiências sensíveis, não há como medir a duração da emoção de quem a sente, e sim a abrangência que atravessa e se manifesta no encontro dela com os bebês. Se o lugar dos bebês nos espaços de creche parece hoje mais questionado, é porque esse lugar ainda é comedido, é reduzido a uma série, a uma sequência de atividades de deslocamentos, de ocupação de tempo, impostas pela dinâmica do cotidiano da creche, que causam diversos delineamentos no planejamento dos adultos, suscitando uma concepção de prática pedagógica mais generosa, de acordo com Eisner (2008), nas proposições referendadas pelas linguagens artísticas, pelo sensível.

Cada vez mais entendidas no campo dos Estudos da Criança, está o lugar das experiências estéticas na infância contemporânea como atividades que contribuem para o modo de habitar o mundo dos bebês, sendo as experiências sensíveis também experiências cruciais na aprendizagem da autonomia e no desenvolvimento da cognição, da inteligência vivida com o corpo e suas mesclas entre o real e o imaginativo (Merleau-Ponty, 1990).

A investigação, da qual este artigo descreve uma pequena parte do trabalho realizado, visa precisamente analisar as importâncias, o significar das experiências sensíveis, e ir além da ideia de bebê inscrito apenas como receptor. Antes de tudo, partilha-se da singularidade do bebê de estranhar e se surpreender com os mundos da cultura, posto que sente, que co-pertence, que se aconchega nesse mundo interessante e nele deixa sua marca. É o bebê, pelo desconhecimento sobre ele, com suas possibilidades e potência, que talvez seja o mais declarado a aderir a novas coisas nos primeiros anos de

vida, a traduzir, a descobrir desordenadamente pelo viés de um universo compreensível de sentidos. Ele constrói suas referências, ultrapassa-se a si mesmo, e abre-se para a presença do mundo que lhe é entregue (Le Breton, 2021).

A partir dessas ideias, este artigo está organizado em três seções. A primeira, esta introdução, situa a pesquisa, o tema do artigo e a sua organização. A segunda, descreve brevemente a metodologia etnográfica, considerada potencialmente válida no âmbito de investigações com crianças e culturas. A terceira traz o aporte teórico referente aos estudos sociológicos, e seus pesquisadores no Brasil, direcionados aos bebês, que sustentam a análise dos episódios destacados nesta seção. Por fim, apresentamos as conclusões, a partir do enredo, considerando os encontros estéticos, sensíveis, dados pelas diversas linguagens imprescindíveis para estar com os bebês no espaço institucionalizado da creche.

Breve descrição do percurso metodológico

Apresentamos brevemente o percurso metodológico, a escolha das estratégias metodológicas para a geração dos dados, os sujeitos envolvidos, mais precisamente, 42 bebês (20 meninas e 22 meninos), de 0 a 2 anos, divididos em três grupos denominados Creche I, Creche II A e Creche II B, todos com matrícula integral, ou seja, frequentam a creche nos períodos, matutino e vespertino. Bem como a escolha dos referenciais teóricos, entre outros, aspectos imprescindíveis para que uma pesquisa traga resultados significativos.

Consideramos a pesquisa etnográfica no desenvolvimento do estudo por entendê-la apropriada, sensível e ética aos estudos que consideram o engajamento dos bebês. A pesquisa etnográfica com crianças é uma possibilidade rica para captar achados. Defendem Graue *et al.* (2003) a importância de que os(as) investigadores(as) pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real. Escolhe-se a etnografia como o caminho possível para a concretização de uma experiência de proximidade (Geertz, 1989) e, particularmente com bebês, uma proximidade e dedicação por longo tempo (Graue *et al.*, 2003), com a

consciência de que a simples presença da investigadora não garante sua aceitação em relação aos bebês, às professoras, às famílias e a outros profissionais.

De cunho interpretativo, como sugere a etnografia, descrevemos as particularidades do contexto pesquisado e escolhido, com um viés de percurso sensato, escolhendo entre os dezoito “Episódios”, que fazem parte do texto da tese, apenas um, mantido na íntegra, que aglutina sentidos e permite pesquisar questões pertinentes e essenciais à criança e à infância nos recortes da investigação, para que se possa pensá-las com base na materialidade encontrada nos eventos registrados no diário de campo da pesquisadora.

Todos os acessórios, que compõem o processo de rabiscar, de desenhar na creche, tornam-se objeto do querer por parte dos bebês, considerando que o contato com estes materiais não é explorado de forma abundante. Se percebe que os bebês somente tinham olhos para os objetos que a investigadora carregava e um deles era o diário de notas de campo, que, propositalmente, tinha sido escolhido, em uma loja de magazine, com a capa feita de um plástico transparente, com um fundo roxo com purpurina, que dentro dela tinha gel com estrelas douradas de tamanhos variados. Com o toque das mãos dos bebês, estas moviam-se para lá e pra cá. E logo foi nomeado de “Diário de Estrelas”, devido ao fato de as crianças se referirem a ele sempre pela importância dada às estrelas. O diário de campo é aqui percebido, não apenas, como um objeto que carrega escritos esboçados na dinâmica da creche, mas como um lugar de encontros, juntamente às metodologias visuais produzidas durante as observações, que ampliam potencialidades e trazem aproximações profícuas no encontro com os bebês e seu jeito de fruir as experiências.

Gonçalves *et al.* (2020, p. 206) corroboram as visualidades na metodologia:

[...] as imagens fotográficas são passíveis de inúmeras ‘leituras’, não apenas de quem as lê, mas também de quem as produz, tanto que, seguramente, outro/a pesquisador/a teria outros ângulos, outros recortes de cenas, ainda que pesquisasse a mesma temática.

No registro de imagens e das observações sistemáticas há mais do que simples registro das observações. Elas contribuem para ampliar o nosso próprio olhar, particularmente quando se trata de pesquisa com bebês.

Inscrevemos nossa interpretação no entrecruzamento da Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, dada pelo respeito à carga cultural, à multiplicidade de fios que se desenrolam nas relações temporais, espaciais, sociais e culturais. Supomos ser desejável e alcançável revigorar a Pedagogia da Infância para que respire pelos ares multiformes, pela multiplicidade do olhar e ver o mundo, que reverbere numa cultura de complementaridade nas relações éticas adulto-criança. E que, por um contínuo diálogo contempla adulto, bebê e Educação Infantil, e pela observação sensível dada pelos ritmos da criança e os da infância, compreendidos pela ordem dos significados aos quais estão imersos no mundo.

Continuamos neste ensaio do possível, da receptividade que habita a criança, buscando dar especial destaque ao bebê, e do aproveitar-se da Sociologia da Infância, que nutre e exige relevância no conhecimento da Pedagogia Infância, da fagulha sociológica adormecida que a ninguém interessava, mas que acentua e desencadeia provocações para olharmos a criança como ela olha, e como esta interage com o seu entorno, no arriscado e intenso encontro consigo mesma, frutificando momentos de produções intimamente autorais na creche investigada.

Entretempos no diálogo com as Culturas na Infância

Importa ao estudo de bebês, numa perspectiva sociológica, destacar qual o lugar que lhes é dado. Que compreensão temos do que o bebê é, pode ou deve fazer, particularmente num espaço institucionalizado como a creche?

Figura 1 – A bebê investigadora



Nota: a bebê está no jardim na frente da creche a esmigalhar sementes.

Fonte: Foto da autora, 2019. Reprodução de imagem autorizada.

Episódio 1: *Numa vivência que move todos os bebês para um corredor na área externa, e os leva repentinamente a estarem envolvidos em cenas que pleiteiam o que querem para si, como alguns triciclos dispostos pelas professoras no corredor ao lado da creche, mesmo sendo algo muito esperado pelos bebês, para Vavá não se configurou tão atrativo a ponto de mantê-la na brincadeira. Ela não aguarda, pacientemente, a sua vez e desvia-se a fim de se deleitar na descoberta do jardim que oferece uma mistura de possibilidades da natureza, de conhecimentos que a desafiam e a encorajam a resistir em não permanecer no que está posto (Diário das Estrelas, 31/07/2019).*

No episódio retratado de Vavá, menina curiosa, a bebê sente o fraturar de um tempo, requerido pelos adultos, e assume a patente de investigadora, e vai ao pequeno jardim, num dia ensolarado de inverno, atraída por uma planta florida que parece ter brincos de sementes pretas. Ela não somente descobre as texturas do esbugalhar miudinho da porção de galhos que está ali, mas a toma pelas mãos que ressoa sentidos, ganhos da sua decisão, do seu querer de perceber e reelaborar o visto, o disponível, que é circundante no cenário da natureza, o jardim da creche.

Assume-se como sujeito da situação, e sem atropelos escolhe onde ir, ritmada por uma relação sensível que se dá pelo olhar, no consentimento com sentido a si. Nessa descoberta, todo ato desejado e executado ativamente pelo sujeito tem consequências imediatas e, a longo prazo, muito mais enriquecedoras que os atos impostos e suportados (Tardos; Szanto, 2021). Ao apartar-se de todos, tanto de adultos como das outras crianças, Vavá dá mostras sutis da nascença do gosto, da individualidade, da regência do seu querer. Ela imprime sua marca.

Essa capacidade de escolher e tomar decisões dos bebês surpreendidos pela imprevisibilidade dos acontecimentos gerados pelo movimento é uma necessidade fundamental desde o nascimento do ser humano (Tardos; Szanto, 2021). Elementar associar que esse episódio com a Vavá nos remete à essência das teses apresentadas por Qvortrup (2011), em que opera na desocultação das crianças frente à adultez, priorizando a dimensão da ação da criança para a construção de seus mundos com base em seu próprio universo de referência (Sarmiento, 2004). Especialmente na quinta tese, expressa a complexidade na infância, ao afirmar que as crianças são co-construtoras da cultura e da sociedade:

Já aponte como construtivas as atividades escolares das crianças, mas elas não são as únicas, e penso que a tese pode ser generalizada para sugerir que, todas as vezes que as crianças interagem e se comunicam com a natureza, com a sociedade e com outras pessoas, tanto adulto quanto pares, elas estão contribuindo para a formação quer da infância quer da sociedade. Isso é tão simples e evidente que não acredito que alguém possa discordar (Qvortrup, 2011, p.206).

O bebê não conhece essa abstração de princípios formulados, não se percebe contido na teoria, mas interage, pela leveza de sua atitude, o que destacadamente está descrito, por meio de um exponencial de ritmos e significados – a fuga e denúncia ao regramento, talvez o que chamamos de uma lógica da exposição (Larrosa, 2011), de possibilidades circulares ou fragmentos do cotidiano rotineiro (Barbosa, 2000).

Esse corpo social dá mostras da sua intencionalidade no tempo ritmado (Cabanellas, 2020) da Vavá, que, ao olhar de jeito matreiro, logo que chega ao jardim, nos seduz e provoca. O momento que cativa, que se adorna pelo brilho do sol invernal de meia tarde, carrega a primazia da bebê em constante

interação com as materialidades e a construção do saber desobrigado, repetido pela vontade, longe de um interesse pedagógico, mas amplificado pelo poder plástico da criança de conhecer o mundo (Piorski, 2016). Ela estreia a vontade de espreitar cada detalhe pelo toque amiudado de desgrudar e retirar cada semente, absorta, lentamente, pormenorizada pela exploração de suas silenciosas ideias, decifradas pela curiosidade e pelo gosto de estar no seu departamento próprio de investigação.

A densidade da experiência (Dewey, 2010), vivida pela bebê, não é banal, insignificante; reflete sua percepção apurada e revela sua ação de conhecer frente ao controle, ordenamento do adulto que, por vezes, destoa do universo infantil, infantilizando-a, romanceando-a.

Consoante Richter (2016), manipular algo não traduz mero “mexer” com as mãos. Manipular é muito mais, pois envolve o corpo inteiro no movimento vital de dar forma, agregar à coisa um pensamento, uma vontade, um sentido, uma ação operativa, portanto, transformadora. Essa fluência imaginativa não foi interrompida em momento algum, nem por um deslize da percepção das recolhas de Vavá, tampouco pelas mãos ou fala diretiva das professoras que, envolvidas na dinâmica da docência, consentem o deliciar-se do bebê, porém, não acompanham, elucidativamente, a riqueza da percepção, do fruir, e nem as implicações racionalizadas desse momento. As impressões da bebê recolhidas pelo olhar sensível são tímidas:

A ação do corpo sensível – estésico – no e com o mundo, emerge nas infâncias como jogo e brincadeira, acolhendo e se nutrindo da disposição constituída na íntima relação entre a tensão de jogar com sentidos e a diversão e alegria do regozijo de lançar o corpo à sensibilidade de escutar, falar, traçar, soar, movimentar-se, tingir, rir, cantar, modelar, dançar, construir e destruir objetos. Ações inseparáveis da experiência de linguagem como produção de coexistência no mundo comum (Richter, 2016, p. 91).

Abraçamos os discursos na Pedagogia da Infância que consideram as importâncias dos bebês (Barbosa, 2010; Coutinho, 2010; Castelli; Delgado, 2015; Tebet, 2019), ao buscar indícios ruidosos que compõem a narrativa amalgamada, dilatada e inquietante da dimensionalidade do corpo linguageiro dos bebês (Lino; Richter, 2017). Estamos a falar do corpo que nele habita de muitos modos, pelas linguagens, e pelo gesto as acolhe e interroga, as

aprende e comunica na multiplicidade de sentidos no viver do bebê, que é único.

Nesse sentido, interessa situarmos que o mundo social e acadêmico, nas diversas áreas, encapsula a imagem de bebê de forma marginalizada, a partir de negações, de ausências, de lugares associados à falácia do vir a ser.

Há contribuições de pesquisadores(as) em diversas áreas com tessitura de conhecimento social, ligados à Sociologia da Infância, que, ainda, às vezes, timidamente nos oferecem subsídios para pensar a respeito dos bebês, e nos permitem traçar, por meio de uma produção de literatura crescente, que ressaltam e descrevem a imagem, a presença do bebê em relação à sociabilidade humana, com enfoque institucionalizado, seja na escola, no hospital ou na família ou qualquer outra instituição. Essas contribuições revelam a existência de um fluxo que permite compreender o lugar que ocupam os bebês na sociedade, com vazão para a construção conceitual dos bebês, reconhecendo-os como seres ativos e plenos nas relações com as “gentes”, “coisas” e com o “mundo”, para além de uma visão vertical e adultocêntrica, marcados num tempo não muito distante pelo desinteresse.

Quanto ao desinteresse sobre os bebês, Gottlieb (2005) argumenta que, quanto menor a criança, mais dependente ela é de outros para seu suporte básico biológico: para os padrões antropológicos, os bebês aparentam ser desinteressantes. Eles parecem precisar tanto da misericórdia dos outros que não há o mínimo grau daquela relação de oferta e demanda entre dois indivíduos, ou entre um indivíduo e a sociedade em geral.

Ampliar os modos, os olhares para compreender os bebês nos processos próprios de constituição nas relações sociais, de maneira menos desigual, com mais visibilidade e mais pujança, são perspectivas sentidas em algumas investigações e saberes. Parte da dificuldade de investigar os bebês se dá pela limitação de metodologias específicas, o que contribui para o desinteresse desses sujeitos:

[...] intersubjetivamente novos pontos de vista sobre a realidade para se surpreender e surpreender-nos com as riquezas inéditas de que são portadores todos os bebês, sem exceção. As criaturas são inéditas porque levam à fascinação do desconhecido, à dúvida do inesperado (Hoyuelos, 2020, p.17).

Em entrevista publicada no Brasil, em 2014, Allison James, quando questionada: o estudo de bebês é parte dos Estudos da Infância? Eles são mais desafiadores? Por que a maioria dos estudos são focados em crianças mais velhas? a autora responde:

Os Estudos da Infância não têm incluído bebês. Eu não acho que incluiu. E isso é absolutamente correto e deveria ser incluído. Talvez seja mais desafiador, nós não podemos entrevistar um bebê facilmente, você precisa observá-los, você precisa trabalhar de outras formas. É uma área muito empolgante e que precisa ser incluída nos debates (James apud Pires; Nascimento, 2014, p. 942).

Construir ou, pretensiosamente, desconstruir a ideia que se fez de bebês concebidos e posicionados como figurantes “menos expressivos, menos atuantes” de suas próprias cenas não nos parece precisamente fundado, fortificado, como percebemos, numa lógica descabida de acumulação resumida a pessoas frágeis, dependentes do acesso ao mundo, e que se movem lentamente para outra configuração nos dias atuais. A ideia que tratamos é de um bebê singular em sua forma de interrogar o mundo (Barbosa, 2010; Coutinho 2009; Guimarães, 2008), atribuindo-lhe uma polifonia temporária e fluidez de experiências desde o nascimento, conduzidas em direção à ação perceptiva, à ação cognitiva, à ação criativa e à construção das relações sociais (Cabanellas, 2020).

A creche, como espaço que desempenha um papel vital de promotora de cultura (Fortunati, 2009; Goldschmied e Jackson 2006; Ostetto, Messina e Oliveira, 2002; Ostetto, 2013), deve mobilizar uma compreensão do sujeito “bebê” enquanto potencializador de suas escolhas, desejos e gostos. Mergulhada em um caldo cultural, ela responde e assume uma gama de responsabilidades alargadas sobre uma infância, reconhecida como recheada de relacionamentos e oportunidades.

O potencial de criar do bebê é compreendido por Arendt (2004, p. 17) destacado na condição humana da natalidade, enquanto “o novo começo inerente a cada nascimento”, pode “fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir”, o que o torna singular na ação diante das coisas, do que acontece. Para Charlot (2000, p. 53), “nascer é penetrar nessa condição humana”. Assim, assumimos que o bebê que surge, nasce rompendo, carrega em si o

predomínio para a criação. Cheio de frescor, desde o início da vida, como co-construtor de conhecimento, de cultura, da sua biografia. E continua Arendt (2007, p. 239) “na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é”. Acolher pela prática pedagógica, na creche, o bebê, um sujeito que corre impulsionado pelo seu contínuo prefaciá-lo, redesenhar pelas experiências a iniciação estética nos primeiros anos de vida, permite encarar e agir diante da aparente e dura artificialidade do mundo real em que vivemos.

Prado (1999) faz referência à dimensão cultural atribuída às crianças menores de três anos de idade, e busca compreender os encontros e desencontros do mundo da infância no âmbito da educação e da cultura em creche, falando da interface com a arte, ao desnaturalizar concepções parciais, limitadas e estereotipadas, pois, a pesquisadora ressalta a necessidade de garantir oportunidades efetivas de aprendizagens, em que imaginação, criação, cognição e emoção se façam presentes. Conforme Hall (1997, p.5), “a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea”; sendo assim, repousa nela a essência de uma existência. Tal fenômeno é corroborado por Benjamin (2012) que, ao falar das crianças, entendendo-as como alguém que está na história, inseridas em um contexto amplamente social e cultural, evidencia nestas o interesse pelas coisas do mundo.

Em uma dinâmica dialógica, que tem autorizado a imposição de uma cultura adultocêntrica de forma estreita e efetiva nos espaços educativos para bebês, encontramos a negação da criança como (re)criadora de cultura; se avista um sujeito social ativo e que, desse modo, relaciona-se, mediante as linguagens próprias, com o mundo.

Embora a cultura e a infância tragam em si suas próprias singularidades, e até mesmo relativas limitações, é possível constatar/contrastar pontos de diálogos entre elas. Aliás, salienta-se que essas emanções suscitam experiências singulares e muito ricas em significado, o que garante a imersão do sujeito bebê na sociedade. Porém, para tal fenômeno acontecer, é imperioso que exista, nas mais diversas áreas, uma prática social, não apenas no que se refere à cultura, mas também à linguagem, pois, desde o

nascimento, os bebês estão inseridos em práticas e interações simbólicas e ganham significados nos contextos em que se encontram. Seu desenvolvimento físico e psíquico coaduna-se a elementos internos e externos, não apenas biológicos, mas culturais, na medida em que as formas de comunicação, os tipos de linguagem e relações afetivas estabelecidas com os adultos também se constituem como tal.

Na relação bebê-significados enraizados de cultura

A construção do significado das coisas para o bebê passa pelo domínio que exercem em explorar o mundo. De acordo com López (2013), os bebês vivem a maior parte do tempo em uma zona intermediária, considerada subjetiva, por excelência, do ser humano, a qual Winnicott (1975) denominou espaço transicional. Conceito este que demarca um território intermediário entre os mundos, para o autor o mundo é a casa dos seres humanos, interno e externo, do que recebe do meio e também das suas próprias vivências, das suas ansiedades, das suas imagens mentais, das suas experiências nascentes.

Também chamou o espaço transicional de potencial porque, para ele, é essa a área em que se desenvolve a criatividade e a produção cultural enraizadas nas brincadeiras de criança. É nesse espaço que se produzem muitas das atividades criativas do homem. Nessa zona acontecem os fenômenos ligados à arte e aos jogos, à experiência cultural, à música e ao conhecimento, que “representam” o mundo interno para o exterior e, em certo sentido, “representam” a realidade para si mesmo.

Nas primeiras etapas da vida, são construídas as capacidades mediadas pelos estímulos lúdicos, estéticos e afetivos. Não é necessário chegar à escolaridade para aprender a pensar, para desenvolver a capacidade de abstração:

Essa zona se alimenta dos estímulos do meio e também da própria capacidade de interiorização, porque é a partir da relação com seus adultos cuidadores, de balbuciar e ser correspondidos, da música que escuta, dos jogos com as mãos, do olhar compartilhado para os objetos externos e do ambiente amoroso, que o bebê é capaz de construir uma interioridade (López, 2013, p. 24).

Nesse sentido, ampliarmos os olhares para o bebê, na perspectiva do campo cultural, vistos como públicos de cultura, implica muita aprendizagem, acerca do lugar que ocupam entre os públicos presentes em ações, bens e equipamentos culturais e de lazer. Rosa (2016) complementa que a área da educação, através das creches, escolas, bibliotecas, cinemas, teatros, museus, espaços de lazer e de brincadeiras, e outras experiências de enriquecimento humano, proporcionam ações direcionadas aos bebês, promovem uma imersão dentro da cultura e arte, criando possibilidades de fruição a partir das artes visuais, músicas e outras manifestações artísticas.

No emaranhado de fios que tecem os conceitos relacionados ao campo cultural na infância, necessitamos destacar e puxar outros fios a partir da compreensão e produção cultural para as crianças. Referindo Perrotti (1990), tem de se considerar possíveis equívocos e, por vezes, esvaziamentos conceituais relacionados aos termos. Quando buscamos um conceito de cultura, notamos um mar conceitual, sendo possível definir alguns, como: o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire em seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; a forma pela qual um grupo de pessoas realmente se comporta; um celeiro de aprendizagem comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; um comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para ajustar-se tanto ao ambiente externo quanto à relação existente com os outros homens; um precipitado da história (Perrotti, 1990).

Diante da complexidade de definir e escolher rasamente um conceito, acolhemos e escolhemos o conceito de cultura essencialmente denso, múltiplo; aberto num processo de artesanaria, quando tratamos de bebês, de leitura interpretativa, via tecido social, embebidos em sistemas de signos e significados, em que os diferentes elementos da cultura se harmonizam, se colidem. Acreditando, de acordo com Geertz (1989), na raiz weberiana que o homem está preso a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura figura-se como um caminho para que se possa quotidianamente interpretar e significar esses conceitos, acontecimentos e fenômenos.

Assim, no transitar entre cultura e infância, ensaia Cohn (2005, p.33):

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico – a ideia de que as crianças vão se incorporando gradativamente ao aprender “coisas” pode ser revista, num real esforço de traduzir as possibilidades de contaminar e encantar quando pensamos especificamente nos bebês. A questão deixa de ser, apenas, como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos, sejam eles objetos, relatos ou crenças, mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia.

A autora citada propõe um aprimoramento do conceito antropológico de cultura e a maior ênfase nos sistemas simbólicos acionados pelos sujeitos nas relações sociais, de modo a permitir um olhar mais apurado em relação às crianças, permitindo que se estude a criança de maneira inovadora:

[...] O contexto cultural de que falamos até aqui, e que é imprescindível para se entender o lugar da criança segundo os novos estudos, deve ser tomado como esse sistema simbólico. Ele é estruturado e consistente e por isso permite que sentidos e significados sejam formados e reconhecidos. [...] Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas (Cohn, 2005, p. 12).

Nesse sentido, chamamos a atenção para a necessidade da ampliação da compreensão no campo cultural, considerando que as crianças significam o mundo, dialogam e transformam a partir dos contextos que vivenciam.

Essas perspectivas dialogam com o olhar de Sarmiento (2004), por meio do conceito de culturas da infância. Segundo o autor, as culturas das infâncias “[...] exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo” (p. 21).

Posicionamo-nos pelo viés sociológico, ao enfatizar a autonomia primordial da criança, enquanto elemento principal e estruturante para a produção cultural, e intensificam-se os investimentos e mapeamento de ações com foco nos âmbitos da produção, da circulação e do consumo cultural. Acerca desse fenômeno, elucida Gandini (2016) ao entrevistar Malaguzzi (2016, p.71) “[...] ao mesmo tempo, gostaria de enfatizar a participação das próprias crianças: elas são autonomamente capazes de atribuir significado às

suas experiências diárias por meio de atos mentais que envolvem planejamento, coordenação de ideias, de abstração”.

Nesse sentido, não compreendemos a produção cultural como um produto simplesmente dado e concluído, mas como um processo de construção e de reflexão que assume e valoriza a criança como sujeito ativo no processo de formação e socialização. Não concebemos a criança como mera reprodutora ou receptora dos elementos culturais promovidos e ofertados pelo adulto, o qual nega, às vezes, à criança o conhecimento de seus direitos de intervir nos processos socioculturais enquanto sujeitos (Perrotti, 1990).

No entanto, tanto a cultura escolar quanto os produtos do mercado para as crianças consideram basilar o conceito da infância como encarnação da inocência (Hernández, 2012), e nas últimas décadas o conceito de infância ligado aos produtos mercadológicos e midiáticos têm se debruçado na “ameaçadora infância “adultizada”, “temida” ou “tirânica”, que faz girar milhões de dinheiro no mundo todo” (Charréu, 2019, p. 1). Desta forma, cria-se o falseamento que só se consegue transmitir e difundir a produção cultural de modo sucedido quando se contabiliza em números, não se compatibilizando a globalização que escancara que “muitas infâncias continuam em risco, quer no rico mundo ocidental, quer noutras regiões mais pobres do planeta” (Charréu, 2019, p. 1), com as condições específicas e diversas de recepção pelas crianças.

Nesse aspecto, consideramos que a efetivação das políticas culturais parece depender, também, de uma visão ampliada sobre as múltiplas dimensões da cultura, tanto aquela que se dá no nível da interação humana (hábitos, costumes, valores, identidades, cotidiano, produções), quanto aquela que considera características políticas, econômicas e institucionais, em que se operam os fluxos de produção, circulação e recepção dos bens culturais (Rosa, 2016). Como também, um olhar mais ampliado da infância a partir de uma certa dimensão estético-política. Reconhecemos a especificidade do trabalho na primeira infância, que considera a pluralidade de significados nesse universo.

Quanto à realidade, delimitamos pensar sobre movimentos, experiências, interações e relações entre as crianças de pouca idade, os bebês e os mundos da cultura, expressos em espaços coletivos relativamente autônomos, porém com certa regulação, como é o caso das creches, mas socialmente estruturados, pelos quais se dão as possibilidades com perspectiva de fruição cultural. Entretanto, esses espaços, às vezes, desconsideram os interesses e as diversas linguagens dos bebês.

Prado (1999) questiona se a criança pequena produz cultura. Logo, buscando respostas por meio de vivências e reflexões, encontra-as no cotidiano das crianças, em que a verdadeira aprendizagem reina nas diferenças vivenciadas dentro dos espaços de educação infantil. Esse questionamento tornou-se gerador de uma outra indagação, ao tratarmos das crianças muito pequenas: é possível dar voz e ouvidos àquelas que, ainda, não se encontram em condição de falar, como os bebês?

Anos depois, essa pergunta ainda causa algum estranhamento. É necessário colocar em evidência as vozes das crianças, principalmente daquelas que, ainda, não falam, e considerar a comunicação para além do verbo, dando espaço e direito às suas linguagens. Assim, faz-se necessário “não reduzir a capacidade de expressão das crianças somente à fala” (Prado, 1999, p. 111).

Dessa forma, uma nova concepção de infância também se apresenta, apontando para a necessidade de não reduzir a capacidade de expressão das crianças e especificamente dos bebês somente à fala, mas de estar-se atento aos gestos, balbucios, movimentos, emoções, sorrisos, choros, silêncios, olhares, linguagens sonoras e outras linguagens, assim como mostram as experiências italianas no campo da educação infantil: concebendo a criança "como ser competente, em sua inteireza, capaz de sofisticadas formas de comunicação, mesmo quando bebê, estabelecendo trocas sociais com coetâneos e adultos, através de uma rede complexa de vínculos afetivos" (Faria, 1994, pp. 213-214).

Afirmam Barbosa e Richter (2009) que os bebês sabem muitas coisas que nós, culturalmente, não conseguimos ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber suas formas de interpretar, significar, comunicar é fundamental. Estas emergem de sentir o corpo e acontecem através dos

gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, os quais se erguem como movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo, estabelecendo novas relações sociais.

A relação entre crianças e adultos permite sentir, visualizar, interpretar, bem como questionar as representações evidenciadas e, com reflexões abertas, suscita-nos incrementar, no universo das crianças, experiências brincantes, alegres e inovadoras com fonte inesgotável de possibilidades no que tange às aproximações com a produção artístico cultural refinada, cuja essência e a forma do convite podem incluir os bebês. Diante do exposto, podemos inferir que, no transitar das culturas geradas, conduzidas e dirigidas para as crianças e identidades construídas ao longo das interações, pode-se conceber a existência de um mundo cultural associado à infância (Sarmiento, 2004).

Nessa perspectiva, pensar sobre a apresentação de propostas de fruição artístico-cultural para e com os bebês nos contextos de creche, procurando dar visibilidade aos bebês enquanto e além de potência, compreendendo-os como seres languageiros, inventivos, interativos e bisbilhoteiros, faz-se urgente.

Destarte, verificou-se a importância de expressivos conceitos inerentes à infância, em que a ideia traçada pretende ratificar as potencialidades do bebê, ser que já possui a competência de produzir cultura, o que demonstra, assim, que são agentes intencionais (Coutinho, 2010) dentro de um ambiente onde prevalecem possibilidades sutis e sensíveis, muitas vezes existentes por meio de vivências nas linguagens artísticas e midiáticas.

Torna-se claro, portanto, que são tais vivências que favorecem a formação de uma cultura abrangente, elevada, consolidada não raro de modo tácito e intuitivo, embora seja uma ideia, talvez, ainda pouco explorada e que cause estranhamento por parte dos envolvidos com a infância institucionalizada.

Considerações finais

No contexto deste artigo, focamos, principalmente, no registro de um episódio que considera os tempos e ritmos dos bebês, ressaltando os seus gostos pelas experiências sensíveis vivenciadas no contexto da creche. Nossa proposta foi apresentar o cruzamento dessa categoria com filtros de análise que nos permitissem fazer uma leitura teórica da abordagem dessas experiências com crianças.

Sintetizamos o que nos revelam a análise do corpus discursivo que expressa a busca do prazer sensorial, demorado e estético das experiências, pois os bebês, ao adentrarem no universo cultural, envolvem-se com empatia com os objetos, artefatos, num percurso sensível, de inquietante descobertas, fascinados com as coisas do mundo real na qual se relacionam. Para além do contato simples, são nutridos, a partir do que vivem, e fruem diante do que se apresenta a eles.

No âmbito das Pedagogias da Infância com bebês, percebemos um guiar por labirintos na busca de compreender o universo de saberes dos pequenos, que os contemplem globalmente. Atentar para o intercambiar de sentidos, do afinar das impressões, de pertencimentos demonstrados, significa considerar sua generosa imaginação; sua criatividade desmedida; a centralidade do seu brincar; o atrevimento das suas interações; o cambiar acalorado das relações sociais que estabelecem; a conexão entre gestos e afetos/desafetos; a revelação da sua autonomia; o transmutar da sua corporeidade; o seu refinamento sensorial; o percurso subjetivo da descoberta; o mastigar do tempo e tantos outros incontáveis, mas jamais indescritíveis ao olhar atento, a capacidade de escuta, a ternura na pedagogia co-protagonista na infância, pelo cuidar no território da subjetividade, pelos vínculos que estabelecem, no convite da relação adulto-criança (Cussiánovich, 2021).

As experiências sensíveis, aqui, são entendidas como a compreensão das relações das crianças com os espaços, em particular, as interações com a natureza e a forma de fruir com os elementos propostos nas vivências. Mas, nem sempre as engrenagens, no que se refere ao saber/fazer cultural, pensado para os bebês, estão alinhadas com os tempos e ritmos dos bebês, ao vivenciar as experiências, promovendo à construção da subjetividade,

percebida nas suas escolhas, manifestada na forma criadora de se expressar, à sobrevivência do pensamento curioso, e, não muito longe, até travam a sensibilidade, se não há esses alinhavos.

De alguma maneira ou forma, assenta-se no universo sensorial e dos sentidos a compreensão da potência de comunicar dos bebês, na corporalidade, na apreciação sensível, na experiência dotada de valor estético (Dewey, 2010), que delicadamente reverbera nos gostos que se alinhavam e se recombina a cada instante, que faz crescer, no bebê, o exercício do bom gosto do que frui.

Referências

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2004. 407p.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2007. 348p.

BARBOSA, Ivone Garcia; SOARES, Marcos Antônio. Educação estética na perspectiva histórico-cultural: contribuições à educação infantil de orientação dialética. In: BARROS, Daniela; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; PEQUENO, Saulo. *Educar na perspectiva histórico-cultural: diálogos vigotskianos*. Campinas: Mercado de Letras, 2018. pp. 137-160.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: *Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais*, 2010, Belo Horizonte. pp. 1-17.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Fragmentos sobre a rotinização da infância, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, pp.93-113, 2000.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos: Qual currículo para bebês e crianças bem pequenas. In: *Educação de crianças em creches, Salto para o Futuro* TV Escola, Secretaria de Educação a distância, MEC. Ano XIX, n. 15, 2009. pp.25-30.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. 6.ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995. 264p.

CABANELLAS, Juan José E. Compartilhando os ritmos infantis. In: AGUILERA, Maria Isabel C.; CABANELLAS, Maria Clara E.; CABANELLAS, Juan José E. *Ritmos infantis: tecidos de uma paisagem interior*. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. pp. 54-57.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na educação infantil. *In: 37ª Reunião Nacional da ANPEd*, 2015, Florianópolis. pp. 1-18.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. elementos para uma Teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 93p.

CHARRÉU, Leonardo. Arte, infância e pedagogia cultural, *Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional*, Lisboa, v. 9, n. 1, p. 47-55, 2019.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005. 60p.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. 2010. 242f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Minho, Portugal, 2010.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar, *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 11, n. 19, p. 17-25, 2009.

CUSSIÁNOVICH, Alejandro. Participación ciudadana de la infancia desde el Paradigma del protagonismo, *Anais II Congreso Mundial de Infancia Adolescencia* "Ciudadania Desde la Niñez y Adolescencia y Exigibilidad de sus Derechos". Lima, Peru, 2005.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Martins Fontes, 2010. 648p.

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação, *Currículo sem fronteiras*, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 5-17, 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Impressões sobre as creches no norte da Itália: bambini si diventa. *In: ROSEMBERG, Fúlvia; CAMPOS, Maria Malta. Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte*. São Paulo: Cortez e Fundação Carlos Chagas, 1994. pp. 211-233.

FORTUNATI, Aldo. *A educação infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família. A experiência de San Miniato*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 204p.

GEERTZ, Clifford. *As interpretações das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 224p.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Porto Alegre: Penso Editora, 2016. 304p.

GONÇALVES, Fernanda; BUSS-SIMÃO, Márcia; DEBUS, Eliane Santana Dias. Das pedrinhas do nosso quintal: ética e sensibilidade metodológica na pesquisa com bebês, *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 7, n. 28, p. 201-217, 2020.

GOTTLIEB, Alma. Babies' baths, babies' remembrances: A beng theory of development, history and memory, *Africa*, Londres, v. 75, n. 1, p. 105-118, 2005.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 313p.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. *Relações entre Crianças e Adultos no Berçário de uma Creche Pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado*. 2008. 215f. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, pp.15-46, 1997.

HERNÁNDEZ, Fernando. La cultura visual como estrategia que possibilita aprender a partir de establecer relaciones, *Instrumento. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, pp. 195-207, 2012.

HOYUELOS, Alfredo. *A estética no pensamento e na obra de Loris Malaguzzi*. São Paulo: Phorte Editora, 2020. 288p.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação, *Revista reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016. 552p.

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Libretos de Criação: experiência de brincar com sons em Rodas Poéticas na educação infantil, *Orfeu: Revista de Estudos em Música*, Florianópolis, SC. Vol. 2, n. 2 (dez. 2017), p. 69-90, 2017.

LÓPEZ, Maria Emília. *Cultura e primeira infância*. São Paulo: Cerlalc, 2013. 128p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Merleau-Ponty na Sorbonne resumo de cursos: filosofia e linguagem*. Campinas: Papyrus, 1990. 246p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas: Papyrus Editora, 2013. 144p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; MESSINA, Virginia da Silva; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de. *Deixando marcas...: a prática do registro no cotidiano da educação infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 110p.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1990. 112p.

PIORSKI, Gandhy. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2016. 153p.

PIRES, Flávia Ferreira; NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. O propósito crítico: entrevista com Allison James, *Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 35, p. 931-950, 2014.

QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”, *Pró-posições*, Campinas, v. 22, p. 199-211, 2011.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. Educação, arte e infância: tensões filosóficas em torno do fenômeno poético, *Crítica Educativa*, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 90-106, 2016.

ROSA, Lucelina Rosseti. Cultura e primeira infância: Perspectivas para as crianças de pouca idade, *Revista Do Centro de Pesquisa e Formação SESC*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 186-206, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edição ASA, 2004. pp. 9-34.

TARDOS, Anna; SZANTO-FEDER, Agnès. O que é autonomia na primeira infância? In: FALK, Judit. *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. 3.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. pp. 33-46.

TEBET, Gabriela (org.). *Estudos de bebês e diálogos com a Sociologia*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 631p.

WINNICOTT, Donald. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1975. 208p.

Recebido em:24/03/2024.

Aceito em:01/05/2024.

Lilian Cristina de Souza

Mestre em Educação pela Universidade do Vale de Itajaí e Doutora em Estudos da Criança pela Universidade do Minho, especialidade em Infância, Cultura e Sociedade. Atuou como alfabetizadora, gerente de Ensino, coordenadora pedagógica na área da Infância. Foi docente da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), no curso de Pedagogia e em cursos de pós-graduação e formação continuada de professores em rede municipal. Atualmente é pedagoga no Instituto Federal Catarinense (IFC). Tem vasta experiência na

educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, cultura, fruição artístico-cultural e estética para criança/educação infantil; infância; saberes docentes e o brincar heurístico na educação infantil.

 lilian.souza@ifc.edu

 <http://lattes.cnpq.br/0454338365197767>

 <https://orcid.org/0000-0003-0629-361X>

Natalia Fernandes

Doutorado em Estudos da Criança pela Universidade do Minho. Professora Associada com Agregação na Universidade do Minho, Instituto de Educação, Departamento de Ciência Sociais da Educação. Atua na área da Sociologia da Infância, com os seguintes interesses de investigação: direitos das crianças, novos paradigmas de investigação com crianças e questões éticas. Autora de publicações individuais e em parceria, em livros e revistas, bem como participação em congressos nacionais e internacionais, onde discute a questão dos direitos de participação das crianças e a visibilidade das crianças como cidadãos e sujeitos de direitos. Integra algumas redes europeias em Direitos da Criança, nomeadamente a Children's Rights European Academic Network, da qual é fundadora e atual coordenadora.

 natfs@ie.uminho.pt

 <http://lattes.cnpq.br/0347128986960373>

 <https://orcid.org/0000-0001-7697-4803>